



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após encontro com a presidente da Confederação Suíça, Micheline Calmy-Rey

Zurique-Suíça, 30 de outubro de 2007

Presidente: A primeira reivindicação é que o Brasil seja convidado para participar da Copa (inaudível) de 2008, pela nossa proximidade com a Guiana Francesa, nós vamos reivindicar o direito de fazer parte do campeonato europeu.

Para nós, a relação com a Suíça é uma relação profunda, já de muito tempo. Os brasileiros sabem que há muitos investimentos suíços no Brasil. Não há um único jornalista brasileiro que não tenha comido chocolate da Nestlé, ou não tenha tomado um leite da Nestlé, ou que não tenha comprado algum remédio de laboratório suíço. Mas o que é importante – eu tive a vantagem, como o ministro Celso Amorim, de já ser amigo da Presidente – é que estabelecemos um acordo sobre a necessidade de aprofundarmos a relação entre Brasil e Suíça, aprofundando um acordo de relação estratégica entre os dois países.

Eu me comprometi com a Presidente de ver uma data para voltar à Suíça, numa visita de Estado para o próximo ano, quem sabe no começo do ano. Obviamente que precisamos do tempo necessário para que os assessores da Presidência, os meus assessores, possam construir as bases desse acordo. E, ao mesmo tempo, estamos também de acordo de que poderemos fazer parceria entre a Suíça e o Brasil para trabalharmos junto a terceiros países, sobretudo se olharmos o que poderemos fazer juntos na África e o que poderemos fazer juntos no Haiti.

De forma que eu, quando pegar o avião hoje à tarde para regressar ao Brasil, sairei com duas vitórias. Não, um empate: a boa relação entre Suíça e



Brasil, que pode se aperfeiçoar muito depois da nossa visita; e levar a Copa do Mundo para o Brasil, depois de 64 anos. Vocês todos da imprensa já estão convidados a participar da abertura e a participar do jogo final, eu espero que o Brasil esteja na final.

Portanto, eu regresso ao Brasil certo de que nós temos muita coisa para trabalhar juntos, sobretudo no campo da Ciência e Tecnologia. Essa troca de experiência entre os institutos de pesquisa da Suíça e os institutos de pesquisa do Brasil podem fazer com que nós tenhamos uma evolução extraordinária na nossa parceria.

Ministro Celso Amorim: Permita-me acrescentar uma coisa muito rápida. É que ontem também se realizou a 1ª reunião da Comissão Mista Econômica entre o Brasil e a Suíça. Isso é algo importante, que (Inaudível) nesse quadro. E mencionar também que a Suíça, no ano passado, foi o 4º maior investidor no Brasil, 1 bilhão e 600 milhões de dólares, só para dar um pano de fundo para saberem que nós não estamos falando de uma coisa abstrata.

Jornalista: Senhor presidente, quais são suas expectativas para negociações na OMC? O senhor pensa que seria possível concluir a Rodada de Doha antes do final do ano?

Presidente: Olha, pelo menos eu sou muito otimista com relação a isso. Hoje, se tivesse um concurso, eu estaria entre os três seres humanos mais otimistas com relação à Rodada de Doha. Primeiro, é normal que cada país queira defender os seus interesses com unhas e dentes. Afinal de contas, estamos trabalhando com hábitos, costumes históricos, tradições de povos, e é sempre muito difícil convencer as pessoas a cederem um pouco mais.

Segundo, nós já sabemos quais são os obstáculos. Os países desenvolvidos sabem quais são os obstáculos para os países em



desenvolvimento e nós sabemos quais são os obstáculos da União Européia, dos Estados Unidos, e eles sabem quais são os obstáculos nossos.

Pois bem, se nós analisarmos de Cancun até agora, nós avançamos bastante. Avançamos no discurso político, avançamos na apresentação dos números, e estamos buscando agora os detalhes. É possível construir um acordo onde todos ganhem? Acho difícil. É difícil fazer um acordo onde ninguém perca? Acho difícil. O que eu acho normal é que, numa escala, a gente leve em consideração que os países ricos terão que fazer milimétricas concessões, os países em desenvolvimento terão que fazer outras concessões e os ganhadores precisam ser os países mais pobres do mundo. Se isso for ajustado, e no discurso político já tem concordância, eu penso que poderemos construir um acordo.

Eu tive uma extraordinária relação numa reunião, há poucos dias, com o primeiro-ministro Singh, da Índia, e com o presidente da África do Sul. Tive uma boa conversa telefônica com o presidente Bush, tive uma boa conversa com o primeiro-ministro Gordon Brown, e eu penso que a partir daí nós vamos avançar. Eu sinto que há interesses e que todo mundo tem o cuidado político, porque hoje o que está em jogo não é mais a questão econômica, o que está em jogo hoje é o que representam os eleitores nos países que estão na mesa de negociação. Todo mundo está olhando muito mais para as próximas eleições do que para a quantidade de dinheiro que está em jogo na mesa.

Eu tenho que ir, por causa da Copa do Mundo.